

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias*. São Paulo: Parábola, 2014. 215 p.

Domitilla Medeiros Arce*
domiarce@yahoo.com.br
Universidade Federal da Grande Dourados

Em *Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias*, publicado pela Parábola em 2014, Luciano Amaral Oliveira apresenta os principais métodos de ensino da Língua Inglesa, fundamentados não só por um amplo conhecimento teórico (em Linguística, Pedagogia e Língua Inglesa), mas também por sua experiência de quase trinta anos como professor de inglês. O livro está dividido em cinco capítulos: o primeiro, Oito questões teóricas básicas, define e problematiza os conceitos que serão utilizados ao longo do livro; o segundo, Os primeiros métodos, o terceiro, Os métodos alternativos, e o quarto, Os métodos comunicativos, apresentam os principais métodos do século XX conhecidos globalmente; já o último, A morte e a vida dos métodos, discute a polêmica do fim dos métodos.

Antes de abordar os principais métodos de ensino de inglês, o autor discute brevemente sobre os conceitos inerentes ao ensino e a aprendizagem. Ele alega que conceber o ensino como facilitador da aprendizagem “é mais lógico, desafiador e interessante do que concebê-lo como uma irreal transferência de conhecimentos” (OLIVEIRA, 2014, p. 27), enquanto que “aprender é um processo de transformação do indivíduo” (OLIVEIRA, 2014, p. 27). Propõe, ainda, uma perspectiva semântico-pragmática da língua: tanto o texto falado, quanto o escrito, devem ser o eixo em torno do qual as aulas giram, incluindo os elementos gramaticais e os significados que esses elementos ajudam a produzir.

Oliveira (2014) defende que o inglês padrão não existe na prática – é um mito, uma abstração –, assim como o conceito de falante nativo. Nesse sentido, ser

* Aluna de Letras da FACALE (Faculdade de Comunicação, Artes e Letras) / UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados; Especialista em Gestão de Negócios (UNIGRAN); Bacharel em Turismo (UEMS).

proficiente em inglês significa ser competente para se comunicar, usando essa língua. Assim sendo, na realidade, o teste de proficiência tenta mensurar “o quanto um usuário da língua conhece essa língua [...], que gêneros ele é capaz de escrever e ler, que palavras ele conhece receptiva e produtivamente, que funções comunicativas ele é capaz de realizar” (p. 60). O autor se baseia na ideia dos professores de inglês Jack Richards e Theodore Rodgers (1994), segundo os quais o método deve esclarecer os princípios teóricos, as ações práticas, o planejamento e a escolha do material didático. Logo, é composto por três partes: Abordagem (Teoria da Língua, Teoria da aprendizagem); *Design* (*Syllabus*/ementa, Tipos de atividades, Papéis do aluno, Papéis do professor, papéis dos materiais didáticos), e Procedimentos (Técnicas, Comportamentos).

Em relação aos métodos de ensino de línguas estrangeiras, Oliveira os explicita didática e cronologicamente, começando pelo primeiro deles, o de **gramática e tradução** (ou método indireto), ainda hoje utilizado por muitos professores. Nele, a língua materna serve de intermediária entre a língua-alvo e os alunos na construção dos sentidos textuais (ênfase na leitura). Já o **método direto** tem por objetivo desenvolver a capacidade de comunicação, sendo a fala o principal alvo de atenção nas aulas. Esse método proíbe o uso da língua materna em sala de aula e utiliza objetos e imagens para explicar os significados das palavras, que não devem ser traduzidas.

Há também a **abordagem oral**, que controla o vocabulário aprendido pelos estudantes, conciliando tais vocabulários com as estruturas gramaticais ensinadas e organizando-as de acordo com possíveis situações em que o aluno possa se encontrar. Por outro lado, o **método audiolingual** (audiolingüismo), que surgiu nos Estados Unidos em resposta à explosão tecnológica e aos conflitos bélicos do início do século XX, baseia-se na teoria estruturalista da língua e na corrente behaviorista de aprendizado. Conforme o autor, ele tem por objetivo tornar o aluno fluente na língua, privilegiando a comunicação oral. Porém, a escrita ocupa uma posição secundária. O professor é visto como um modelo a ser seguido, e os estudantes participam da aula passivamente, retendo e repetindo as sentenças apresentadas por meio de exercícios de transformação e substituição.

Dentre os métodos alternativos ou métodos dos *designers* explicitados, encontra-se o **Silent Way**, do pesquisador egípcio Caleb Gattegno. Nele, o professor atua como um facilitador da aprendizagem. As aulas são centradas no

estudante e no silenciamento do professor. Tal silenciamento, para Oliveira, é a redução mais radical do tempo de fala já proposta por um método.

Oliveira elucida que o método **Suggestopedia** (Reservopedia), proposto pelo psiquiatra e pesquisador búlgaro Georgi Lozanov, considera que a dificuldade inerente de aprender uma língua estrangeira é uma barreira psicológica. O termo é resultado da mistura de duas palavras: *suggestology* (sugestologia) e *pedagogy* (pedagogia). Já o sinônimo de Suggestopedia – Reservopedia – destaca seu objetivo: alcançar as reservas da mente. Dessa forma, a Suggestopedia foca nos elementos psicológicos e emocionais dos estudantes, na organização do ambiente da aprendizagem e, principalmente, na autoridade do professor.

O **TPR** ou *Total Physical Response* (Resposta Física Total), elaborado pelo psicólogo estadunidense James Asher, tem por característica fundamental o uso dos movimentos corporais como mecanismos de aprendizagem de línguas. Nesse método, o professor repete cada uma das sentenças fazendo mímica e usando objetos. Depois, ele as repete e os alunos fazem mímica junto com ele; em seguida, o docente as repete com os discentes, gesticulando em grupo e individualmente. Posteriormente, os alunos as repetem sem o professor, em grupo e também individualmente.

No **CCL** ou *Community Language Learning* (Aprendizagem comunitária da língua) – método criado pelo psicólogo e padre jesuíta Charles Curran – a ideia é que o estudante vá se tornando cada vez mais independente do professor à medida que avance nos estudos. O professor encoraja os alunos a conversarem, usando a língua-alvo e a língua materna se não souberem algo, procurando, assim, evitar que se sintam ameaçados e ansiosos.

Por outro lado, conforme Oliveira, o **Ensino de línguas baseado em competências** tem como características metodológicas a ênfase no funcionamento bem-sucedido dos estudantes na sociedade – focando nas formas linguísticas exigidas pelas situações em que eles vivem e no ensino centrado no desempenho ou em tarefas, destacando assim os comportamentos. Esse método modulariza os objetivos, explicitando, *a priori*, os resultados (especificados em termos de comportamentos esperados e avaliação contínua), não se importando com o processo.

Dentre os métodos comunicativos, denominados abordagem, encontra-se a **Abordagem natural** (*Natural approach*), pautada nos seguintes princípios discutidos

por Krashen (2014) e mencionados pelo autor: o tempo da aula é primariamente dedicado a fornecer *input* (conjunto de informações lexicais e gramaticais que o aprendiz recebe do professor, dos colegas, do material didático e do meio ambiente em que se encontra) para a aquisição; o professor só fala a língua estrangeira na sala de aula e só corrige os erros dos alunos se eles atrapalharem seriamente a comunicação. A preocupação com os fatores afetivos é uma influência humanista. Nessa abordagem, a gramática pode ser incluída nas atividades para casa, pois não ocupa um lugar central. Dessa forma, seus objetivos são semânticos: baseiam-se na concepção de língua como instrumento de comunicação, ou seja, a comunicação é o que importa.

Na **Abordagem comunicativa** há três implicações pedagógicas importantes pautadas no *syllabus* (ementa) do curso e de como trabalhar esse conteúdo: entendimento funcional das estruturas gramaticais; pensar o ensino de línguas estrangeiras com propósitos comunicativos (a língua é interação social); pensar com cuidado nas atividades escolhidas para os alunos realizarem em sala de aula: desenvolver no estudante fluência e não apenas precisão (competência gramatical). Littlewood (1991), citado por Oliveira (2014), propõe a essa abordagem uma taxonomia que divide as atividades utilizadas em sala de aula em atividades pré-comunicativas (atividades estruturais e atividades gramaticais específicas), atividades quase comunicativas (*tag questions*) e atividades comunicativas (atividades de fluência).

Já a **Abordagem baseada em tarefas** (*Task-Based Learning*) enfatiza o uso da língua como o principal elemento para a aprendizagem de línguas estrangeiras. Seu pressuposto é que, por meio da fluência, origina-se a precisão. Com a estratégia *deep-end*, o professor designa uma tarefa para os alunos realizarem, usando os conhecimentos linguísticos e comunicativos que eles já possuem. Oliveira cita Willis (1996), que apresenta um modelo para as aulas baseadas em tarefas, sendo composto por três fases: Fase da pré-tarefa, Ciclo da tarefa e Foco na língua (precisão).

Outra abordagem, a **Lexical**, concebe a língua como um recurso pessoal e não como idealização abstrata. Para Oliveira, esse método, que utiliza as pesquisas da linguística de *corpus* como fonte de dados para a elaboração dos conteúdos programáticos dos cursos de línguas estrangeiras, minimiza a importância do contexto e maximiza o papel do contexto na aprendizagem dos itens lexicais. Assim

sendo, as concepções teóricas dessa abordagem acerca da língua e da aprendizagem estão atreladas ao léxico e ao papel que ele desempenha na produção de sentidos na interação comunicativa.

Por fim, na **Abordagem comunicativa intercultural**, os componentes da competência comunicativa intercultural são: atitudes interculturais; conhecimentos que o indivíduo possui sobre os grupos sociais; habilidades de interpretação e de relação; habilidades de descoberta e de interação; e consciência crítica cultural. A dimensão intercultural no ensino das línguas estrangeiras visa desenvolver aprendizes que sejam falantes interculturais ou mediadores capazes de se engajar com complexidades e identidades múltiplas, evitando os estereótipos.

No que tange à morte dos métodos, Oliveira afirma que há alguns anos o campo de ensino de línguas estrangeiras vivencia uma época de incertezas teóricas. Essa era pós-método é um momento em que o conceito de método está sendo questionado e problematizado de uma nova maneira. Assim, segundo o autor, os métodos ainda não morreram, sendo essencial que o professor de inglês estude o maior número possível de métodos para poder decidir seguir algum deles ou não seguir nenhum e, desse modo, criar seu próprio conjunto de princípios teóricos. Em outras palavras, independentemente do(s) método(s) adotado(s), o professor precisa construir conhecimentos teóricos sólidos, refletir criticamente e perceber os interesses ideológicos por trás de cada método.

Diante do exposto, podemos afirmar que a obra *Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias* propicia, didaticamente, um panorama acerca dos métodos mais utilizados no ensino de língua inglesa. Dessa forma, é uma obra ideal para aqueles que desejam iniciar seus estudos em metodologia de ensino de língua estrangeira.